

Uma história de Quitéria: refletindo sobre como os corpos “pesam” no jornalismo¹

Márcia Veiga da Silva²

Resumo:

Com a justificativa de que está gorda, uma jornalista é destituída da função de apresentadora, cargo que exercia há mais de uma década em um programa telejornalístico. Em contrapartida, seu parceiro, que igualmente engordou, permanece na função de apresentador que ambos partilharam no mesmo programa e período. Tendo sido este programa objeto, e seus apresentadores interlocutores de minha pesquisa de mestrado, um estudo de *newsmaking* realizado em uma das principais empresas de comunicação do Brasil, a partir do fato ocorrido, neste artigo pretendo refletir sobre o quão atuais alguns dados parecem ser e dizer sobre as hierarquias e os valores que permeiam aquela redação de jornalismo, em consonância com valores hegemônicos de gênero de nossa sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo, Gênero, Heteronormatividade.

Abstract:

With the justification that she is fat, a journalist is removed from her function as presenter, position that she held for over a decade in a news program. On the other hand, her partner, who has also gained weight, remains as the presenter – position which they shared in the same show during the same period of time. Having this program been the object of my master’s degree research and the presenters my interlocutors in a newsmaking study conducted in one of the main media corporations in Brazil, in this article I intend to reflect upon the actuality of data about hierarchies and values that permeate that newsroom, in consonance with hegemonic values of our society.

Keywords: Journalism, Gender, Heteronormativity.

Submissão em: 27/09/2013

Aceito em: 26/11/2013

¹ Uma versão desse artigo foi apresentada oralmente no VIII ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, no período de 08 a 10 de agosto de 2012, em Salvador/BA.

² Jornalista, mestre e doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autora da dissertação “Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias”, vencedora da categoria melhor dissertação de mestrado na edição 2011 do Prêmio Adelmano Genro Filho concedido pela SBPJOR - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. E-mail: marciaveiga2005@gmail.com

Introdução

Soube que uma das interlocutoras de minha pesquisa de mestrado havia deixado de apresentar o programa ao qual se dedicou por mais de uma década: ela estaria gorda. Não sei bem porque fiquei perplexa com os rumores que extrapolam os limites da empresa, mas de algum modo pude compreender os motivos de não mais vê-la dividindo o “comando” do estúdio com seu colega. Quitéria compartilhava a apresentação do Semanário com Samuel desde os primórdios do programa. Ambos mantinham as mesmas funções - apesar de prestígio e poder diferenciados no âmbito da empresa - e possuem praticamente a mesma idade: pouco mais de quarenta anos. E por incrível que pudesse parecer, ele também engordou e perdeu muito de seus cabelos. Mas Samuel não só permanece em suas funções, como parece ter obtido mais prestígio, uma vez que passara, então, a personificar a “cara” do programa.

Quando me chegou esta notícia - de bastidores³ - andava as voltas tentando pensar em algum ensaio em que pudesse refletir, uma vez mais, sobre o tanto de questões que compreendi ao longo de meu trabalho de campo. A notícia sobre Quitéria parece corroborar com algumas pistas que levantei em minhas interpretações sobre a realidade vivenciada na pesquisa empírica. O trabalho de campo se deu ao longo de onze semanas observando o programa telejornalístico considerado “número um” de uma das maiores redes de comunicação do Rio Grande do Sul e do Brasil, ao qual atribui o pseudônimo de Semanário - a fim de tentar proteger a identidade de meus interlocutores⁴. Passados três anos desta experiência *in loco*, retorno aos diários de campo para refletir sobre o quão atuais alguns dados parecem ainda ser e dizer sobre as hierarquias e os valores que permeiam aquela redação de jornalismo, em consonância com valores hegemônicos de gênero de nossa sociedade. Trago o caso de Quitéria à discussão por ter compreendido, a partir da experiência de pesquisa, que também no espaço jornalístico se (re)produz um sistema de valores normativos que determina que “cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições” (BENTO, 2011, p. 554). Por esse prisma, as ideias que surgiram passo agora a compartilhar.

Retomando o percurso

No ano de 2009, no período entre março e maio, acompanhei as rotinas produtivas do telejornal Semanário, um dos programas mais prestigiosos de uma das

³ Fiquei sabendo desta notícia na Universidade, através de uma fonte que trabalha no mesmo veículo jornalístico que Samuel (outro veículo da mesma empresa de comunicação), e que teria ouvido o jornalista comentar com outros colegas os motivos pelos quais Quitéria não estaria mais dividindo o programa com ele. Segundo minha fonte, um dos colegas presentes na redação (um reconhecido formador de opinião do grupo de mídia) naquele momento não teria estranhado o fato e chegou a afirmar que Quitéria teria “embagulhado”. A informação chegou até mim pelo fato desta fonte saber de minha pesquisa realizada no programa telejornalístico Semanário.

⁴ Essa pesquisa foi desenvolvida no período entre 05 de março e 18 de maio de 2009, e resultou em minha dissertação de mestrado.

maiores empresas de telecomunicação do Rio Grande do Sul e um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil. Entre tantos outros dilemas éticos que me levaram a optar pelo anonimato ao nome do programa e de todos os interlocutores direta ou indiretamente envolvidos na pesquisa, optei nesse artigo em também não revelar o nome da empresa. Trata-se do desejo continuar tentando “resguardá-los de minha imaginação antropológica, das minhas construções, das minhas interpretações” (BONETTI, 2007, p. 36). Principalmente porque tenho consciência de que o que está no cerne da discussão não são suas identidades pessoais, mas sim os valores sociais que estão a orientar e participar dos valores profissionais, e que, tal como observados, poderiam muito bem estar norteando outras instituições similares (ou não) que partilham de valores hegemônicos de nossa sociedade.

Movida pelo desejo de compreender quais eram as concepções de gênero dos jornalistas e perceber se e como as mesmas participavam da produção das notícias, reproduzindo ou não um padrão heteronormativo, escolhi me apoiar no método etnográfico como meio capaz de me ajudar nessas compreensões. Já na primeira semana de observação – ainda na fase exploratória, em que acompanhei três programas a fim de escolher um – percebi que o campo era profícuo nos termos teórico e metodologicamente concebidos. Estava no *coração da empresa*, espaço que abrigava todas as equipes de redação dos programas, sem divisórias entre eles. As notícias de comportamento eram produzidas por todos, as concepções de gênero dos profissionais eram reveladas a cada instante e, definitivamente, aquele não era um lugar onde vigia o “politicamente correto”. Conviver como uma deles, na tribo dos jornalistas (TRAQUINA, 2005), me foi facultado muito especialmente pelo fato de eu ser uma jornalista de formação e estar cursando o mestrado na área da comunicação. Esse pareceu ser um dos passaportes de minha entrada. Mas o fato de jamais ter trabalhado em um veículo de grande mídia⁵, foi meu passaporte para alguns tantos estranhamentos.

Passei a integrar as rotinas do Semanário e essa possibilidade me trouxe imenso aprendizado nesse percurso. Sobretudo, na compreensão de que o jornalismo tem gênero, e o gênero do jornalismo é masculino (VEIGA, 2010). A generificação presente na hierarquia de valores que participam do processo de construção das notícias, bem como da distribuição do prestígio e do poder nas estruturas da empresa, me levaram a conhecer um pouco sobre como a cultura participa do jornalismo, em especial pelos mapas de significados (HALL et all, 1993) – similares aos valores hegemônicos normativos da sociedade – que estavam a orientar inconscientemente as ações e as relações dos jornalistas.

As lentes (BORDIEU, 1998) pelas quais os jornalistas enxergavam a realidade e estabeleciam suas distinções profissionais são as mesmas que enxergaram no corpo de Quitéria alguns dos motivos que a colocam numa posição de desigualdade. Retomando algumas situações percebo uma certa “coerência” na possível retirada da

⁵ Minha trajetória profissional como jornalista se deu fundamentalmente na atuação como assessoria de imprensa de Organizações não-governamentais, em especial ONGs feministas

jornalista do programa pelo fato de seus atributos corporais, de gênero e de geração não estarem em consonância com aqueles que são valorizados pela empresa e seus membros. Por incrível que pareça, Quitéria não apenas foi muitas vezes colocada em posição de desigualdade no programa – principalmente na ocupação do mesmo cargo e funções de seu colega Samuel – por conta de convenções de gênero que participavam da hierarquia de valores, mas também ela partilhava destes mesmos valores. Por ser ela também sujeito da cultura, talvez Quitéria sequer perceba isso.

Quando fui recebida pela equipe do Semanário, seus apresentadores já me eram conhecidos, de vídeo, de longa data. Ambos iniciaram suas carreiras e trajetórias na empresa na mesma época, tendo estado lado a lado na apresentação do Semanário ao longo de mais de uma década. Desde minha chegada como observadora pude perceber que, apesar das muitas semelhanças em termos de trajetória profissional (mesmo período de empresa), geração (cerca de 40 anos), raça (são brancos) e paridade de cargos e funções no programa, havia uma distinção de poder e prestígio entre eles em todos os níveis. E essas distinções fundamentalmente se apresentavam a partir de alguns marcadores, sendo gênero um dos principais. Em posições desiguais, mas em consonância na partilha de valores e convenções de gênero (o que percebi não só entre eles, mas em quase todos os interlocutores da pesquisa), Quitéria e Samuel também acabavam por vivenciar relações de gênero e poder que igualmente resultavam nos (e eram resultado dos) modos como compreendiam e narravam a realidade através das notícias, partindo deste universo de valores. Para estas percepções, o conceito de gênero, tomado como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, [...] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14), contribuiu para pensar sobre as relações de poder e sistemas de desigualdades que constituem não apenas o relacionamento entre os profissionais e também destes com a empresa, mas igualmente como parte constituinte dos critérios de noticiabilidade do programa investigado.

Gênero como atributo profissional distintivo no universo jornalístico

Na observação do processo de produção das notícias, uma de minhas primeiras percepções foi sobre o quanto os sujeitos envolvidos eram constituídos e reconhecidos por características de gênero que refletiam também em posturas mais ou menos valorizadas. Tanto as características pessoais, as posições de sujeito quanto as suas atitudes em grupo revelavam as relações de poder em jogo, assim como os atributos de gênero mais e menos valorizados que acabavam incidindo na hierarquização dos profissionais e nas escolhas como um todo. O campo revelou que gênero – assim como geração, classe, raça, entre outros – era constitutivo dos papéis exercidos pelos (e esperados dos) profissionais, das relações, estruturas hierárquicas, de poder e das visões de mundo que estavam a orientar a produção das notícias em todas as suas instâncias. Na hierarquia das notícias, não era diferente. As chamadas *hard*

news (notícias fortes) compunham o quadro daquelas mais apreciadas e destinadas ao bloco privilegiado do Semanário (e também dos demais programas da empresa), o de abertura. As notícias mais importantes eram adjetivadas como inéditas, furos, fortes, de impacto, e como tal gozavam de maior prestígio do que as demais. Em geral, “furar” a concorrência (e também o colega) era atributo máximo desejado e valorizado na escala de valores do jornalismo. Na base da hierarquia estavam as *soft news* (notícias leves), que não previam um perfil especial de repórter, mas em geral eram concebidas para mulheres (ou homens reconhecidos por fazerem matérias “não sérias”), e eram exibidas nos demais blocos, de menor audiência.

Pude compreender que também naquela “tribo” os sistemas de valores dominantes da cultura social estavam imiscuídos como parte da cultura profissional e da identidade dos jornalistas. Neste artigo, pretendo focar no quanto as convenções hegemônicas – em especial as de gênero – eram partilhadas pelos interlocutores e interlocutoras da pesquisa, estando estes em posição de prestígio – ou não – também por conta dos atributos relacionados a esse marcador. No Semanário, pude perceber que as mesmas funções desempenhadas por profissionais diferentes também estavam marcadas pela distinção de gênero que indicavam – entre outras coisas – que aqueles que desempenhassem seus papéis nos modos convencionados como mais “masculinos” (impositivos, autoritários, fortes, furadores, competitivos, etc.) estariam mais próximos do poder e gozariam de mais prestígio. Do mesmo modo, os profissionais eram pensados para produzir matérias também levando em consideração determinados atributos pessoais (e de gênero) que lhes credenciariam ou não para tanto, o que igualmente correspondia aos valores em questão (e hierarquizados) no perfil de cada notícia.

Para as notícias relacionadas ao investigativo, ao risco, à polícia, à política, etc., os profissionais propostos eram majoritariamente do sexo masculino, e com determinadas características de gênero consolidadas e reconhecidas por seus pares. Ou seja, mulheres ou mesmo homens que não possuíssem características reconhecidamente associadas aos atributos masculinos já mencionados não eram pensados como alternativa capaz de executar tais matérias, como se percebe na passagem que segue.

[reunião de pauta] **Samuel sugere que se faça uma matéria que foi feita há muitos anos, pelo Claudio Bello. A matéria seria sobre os parques à noite. Sugere que seja feita por um repórter com perfil de polícia, e sugere que seja o Rios. Kauã diz que acha que não precisa ser feita por um repórter com perfil de polícia, acha que poderia ser feito por outro. Samuel diz que precisa ter perfil de polícia, porque à noite nos parques o que tem são gays, viciados e traficantes. Quitéria diz que é melhor ter perfil policial porque esse tipo de repórter saca coisas que outro não sacam. [...] Eles ficam discutindo sobre qual repórter poderia fazer a matéria dos parques. Falam o tempo todo sobre conseguir um repórter homem. Quitéria diz que Alvim é bom para matérias de brincadeira, Kauã diz que Lúcio é pra fazer matérias com um tratado de filosofia. Cogitam Fábio Fonseca, mas alguém diz que ele não faria essa matéria (por não ser inédita). Quitéria chega a sugerir quem sabe uma mulher?, mas a idéia não perdura. Kauã chegou a sugerir Bruna Esteves, mas Quitéria questiona: *por que tu acha que***

ela seria uma repórter pra isso? Ela é uma repórter normal, de geral. [...] (Diário de Campo, doravante DC, 20/04/09).

Um perfil de polícia, um repórter corajoso, capaz de fazer uma matéria forte, claramente tinha de reunir atributos afins e, para tanto, um repórter homem parecia ser a solução mais óbvia, inicialmente. E é nesse dia que descubro que o que estava implícito nessa escolha eram atributos de gênero e não o sexo biológico dos repórteres, pois nem todos os “homens” da redação apresentavam esses atributos. Alvim e Lúcio, certamente, não. Carlos Rios e Fábio Fonseca, sim. Do mesmo modo, as matérias relativas aos dramas sociais mais gerais, as “softnews”, as brincadeiras e as piadas, eram pensadas para o sexo(ou para o gênero) feminino.

No caso dos apresentadores, coincidentemente ou não, Samuel possuía atributos e desempenhava papéis tidos como tipicamente masculinos, manifestando mais poder e prestígio do que os próprios editores-chefe do programa. Em geral, Samuel decidia não apenas o que queria fazer, mas também era decisivo sobre aquilo que seria ou não realizado no programa. Era o único a ter autonomia total, inclusive quanto a seus horários, tipos e locais de trabalho, e era tomado pelos colegas (e chefes) como aquele que melhor sabia dos procedimentos do programa por sua “antiguidade”. Quitéria, por sua vez, mesmo tendo entrado no programa pouco tempo depois de Samuel e, portanto, também uma das mais antigas, não gozava deste prestígio de “saber por antiguidade”. Tampouco era autônoma quanto aos seus horários de chegada e partida, e estava em posição menos privilegiada não apenas nas relações hierárquicas, mas também na expectativa (e determinação) do tipo de notícias que ela produziria: as leves, divertidas, “femininas”, sem status de *hard-news*, mais valorizadas no jornalismo - e que, no programa, eram destinadas a Samuel ou a qualquer repórter cujos atributos fossem identificados como masculinos. Nas disputas entre eles, a palavra final de Samuel em geral prevalecia.

Corpos, comportamentos e sujeitos que (não) “pesam”

Em diversas situações, em minha observação, pude perceber que outros atributos convencionados socialmente, e que diziam respeito a tipos de corpos, comportamentos, sexualidades, entre outros, participavam dos mapas de significados acionados pelos interlocutores da pesquisa e que estavam muito próximos daqueles mais prevalentes em nossa sociedade. As compreensões sobre as normalidades e anormalidade dos corpos não eram difíceis de perceber, posto que muitas vezes manifestas, direta ou indiretamente, nos processos de produção das notícias. Lembro-me de uma vez que, numa reunião de pauta, Antonio, o editor-chefe, falou sobre uma matéria que teria sido exibida no programa Fantástico, sobre pessoas obesas e, a partir daí, inicia a seguinte discussão:

[reunião de pauta] Antonio comenta a matéria sobre *gordos* que viu no Fantástico. Samuel diz que já tinha feito matéria sobre gordos: ***Isso foi no tempo que eu fazia matérias sobre aberrações. Fiz de gordo, de anão.*** Eles comentam que na matéria do Fantástico mostraram que os gordos têm dificuldades em acessar algumas coisas públicas, como ônibus, por exemplo. Quitéria diz: ***Afinal, não se é gordo porque se quer, isso é doença.*** Samuel diz que acha que ***os gordos têm que querer emagrecer, e que é que nem parar de fumar.*** Quitéria acha que isso é ***preconceito.*** Quitéria e Samuel discutem a respeito da obesidade e divergem (DC, 27/04/09).

Ao sugerir que gordos e anões são aberrações, Samuel indica que tais pessoas estariam fora das normas-padrão de corpo, e ao sugerir a anormalidade destes corpos, marca a diferença com um juízo de valor concebido previamente, a partir de seus valores culturais e subjetivos. Esses valores manifestos não deixam de estar em acordo com os discursos majoritariamente circulantes e com valor de verdade na sociedade. Também a discordância entre os dois apresentadores, no fragmento final do excerto de diário de campo acima, demonstra que os mesmos concordam que esses corpos não são normais (mesmo Quitéria não os tendo chamado de aberrações), entretanto, Quitéria identifica o discurso de Samuel como preconceituoso buscando se diferenciar dele, justificando a sua percepção de “anormalidade” desse corpo como doença.

Desde a fase exploratória da pesquisa, compreendi que não seria difícil perceber as relações entre os jornalistas, nem mesmo suas concepções de gênero. Observando-os no cotidiano, num primeiro momento, as piadas entre eles, muitas vezes de cunho estereotipado ou de conotação sexual, chamaram minha atenção. Era um espaço do “politicamente incorreto”, mas também lugar onde as pessoas trabalhavam duro, muitas horas juntas, mesmo quando em programas diferentes. Mas também era um espaço de descontração e, principalmente, daquilo que Ortner denomina de “jogos sérios” (*serious games*), termo utilizado para “abarcas as redes de relações, as interações, as posições mutáveis dos sujeitos, as intenções relativas à ideia de jogos. O qualitativo “sério”, por sua vez, remete a ideia de poder e desigualdades que atravessam os jogos” (ORTNER, 1996 apud BONETTI, 2007, p. 27). Foi nos meandros destes relacionamentos que com o tempo pude entender que ali estavam em jogo convenções de gênero que foram se mostrando constituintes das relações de poder, das escalas de valores e da distribuição do prestígio. Em meu primeiro dia na redação já pude perceber um pouco das “brincadeiras” entre eles. Em uma das telas de televisão que compunham a sala da redação de jornalismo da empresa, acompanhei a exibição ao vivo de um dos programas, o Variedades (que era parte de minha exploratória). Uma das matérias exibidas foi sobre o carnaval fora de época que tradicionalmente acontece numa cidade do interior do Estado do RS (Uruguaiana).

Aberta [a matéria] com algumas imagens do público e das escolas de samba, em seguida um repórter aparece ao vivo entrevistando a modelo Viviane Araújo, direto da passarela do samba em Uruguaiana. O cinegrafista ***começa filmando o rosto e depois vai descendo, percorrendo o corpo de Viviane, com uma longa parada de câmera na região abdominal e pubiana da mo-***

delo, depois segue até os pés, subindo vagarosamente, e cobrindo com essa imagem a fala da entrevistada. Olinda Batista [repórter especial] está na redação e assiste à matéria. Ela pergunta: **mas porque estão filmando o corpo dela?** Marco Jungman [chefe de produção de jornalismo] diz: **porque ela não é socióloga, ela não tem o que dizer, e ela está lá pra isso.** E se volta para a televisão e diz, como se estivesse falando com o cinegrafista, **isso, mostra, mostra.** (DC, 06/03/09).

Com indicativos de uma escala de valores típica de uma determinada concepção de gênero e sexualidade, tomada como padrão na chamada heteronormatividade, cuja base fundadora é a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003a) os jornalistas narravam as representações sobre os corpos – e os gêneros. Sujeitos e corpos marcadamente diversos da heteronormatividade eram mais do que estranhados: eram mal valorados e tecidos discursivamente nas (e pelas) rotinas produtivas. Poderiam tornar-se objetos e abjetos. Essa narratividade, apoiada num determinado sistema de valores, era também capaz de transformar esses corpos “diversos da normalidade” em desiguais, na relação direta com os valores culturais normativos que regem as lentes pelas quais os jornalistas enxergavam. Foi assim quando discursivizaram as travestis, os/as homossexuais, estes últimos igualmente entendidos por Kauã (outro membro da equipe do programa) como *aberrações*, ou como *tudo puto igual*:

Quando volto pra redação, para acompanhar Kauã na decupagem, comento com ele que sugeri a Antonio **que se fizesse uma matéria sobre travestis.** Ele [Kauã] me olha, contrariado, e diz: **Não incentiva o Antonio, senão esse vai ser o jornal das aberrações.** Depois, volta para a decupagem. Na sonora um dos entrevistados diz que era gay, e afirma que há diferença entre as pessoas que frequentam o Parcão e os que frequentam a Redenção⁶ à noite; que no Parcão o nível era melhor. Kauã comenta essa fala do entrevistado: **Isso eu achei horrível. São tudo puto igual** (DC, 30/04/09).

A homossexualidade causava estranhamento em Kauã, que, no mesmo dia em que almoçamos juntos no shopping, identificou e apontou casais homossexuais que ali estavam e me disse: **eu não consigo me acostumar com isso. Olha só, naquela mesa tem um casal de mulheres namorando, e esses dois caras são um casal de gays fazendo compras. Eu não me acostumo com isso** (DC, 21/04/09). O estranhamento de Kauã tinha como pano de fundo seus valores culturais e pessoais, que o faziam chamar de “aberrações” os tipos de pauta que envolvessem sexualidades diferentes da norma. Ou seja, como um sinônimo de anormalidade, expresso na frase como um juízo de valor. Kauã, como a maioria dos interlocutores com quem tive maior proximidade, parecia partilhar dos valores heteronormativos e, deste modo, suas visões de mundo pareciam corresponder às visões hegemônicas a respeito da sociedade, como, por exemplo, as noções de normalidade e anormalidade na sexualidade, nos corpos, nos gêneros, etc. Nesse sentido, o estranhamento fazia jus ao

⁶ Parcão é um parque situado numa das regiões de classe alta de Porto Alegre, e Redenção trata-se de um parque situado na região mais central de Porto Alegre, de classe média, com público bem diversificado e oriundo de diferentes regiões da cidade.

modo como concebiam essas “verdades”, e desta forma, orientava muito mais do que o olhar sobre a sociedade, mas, fundamentalmente, seus valores estavam presentes nos processos de produção das notícias, que são formas de conhecimento da realidade.

A seleção de fontes, os enquadramentos, a ordem de aparição, o tipo de crédito e a própria credibilidade atribuída a pessoas, instituições e comportamentos eram funções corriqueiras, rapidamente acionadas nas decisões e suas respectivas justificativas – mais ou menos declaradas – impactavam os resultados das realidades construídas na forma de notícias. Ainda mais uma vez gostaria de refletir sobre o impacto destas decisões tomadas, calcadas em determinados vieses normativos de gênero, por exemplo, e que produzem não apenas representações desiguais, mas também relações desiguais entre os próprios profissionais. Por isso retomo as relações entre Quitéria e Samuel para, novamente a partir deles, pensar nas relações de gênero e poder que nos tornam mais ou menos normais e legítimos, seja numa redação de jornalismo, seja no Big Brother, seja na Uniban ou avenidas de Porto Alegre, passarelas de samba ou de qualquer outro lugar no Brasil onde as mesmas normas sejam majoritariamente partilhadas e muitas vezes resultem em violações de direitos.

O corpo de Quitéria seria, agora, no alto de seus mais de quarenta anos, segundo as concepções de beleza, de normalidade e de gênero, é um corpo “anormalizado”. Não seria propriamente como os corpos dos anões, que por certo não disporiam de atributos corporais “mínimos” que os habilitassem a comandar a apresentação de um programa de televisão, muito menos jornalístico, por mais excelentes profissionais que fossem. O corpo de Quitéria foi se “anormalizando” ao longo do tempo – e da carreira. Talvez por “culpa” dela, por falta de vontade própria, como alegaria Samuel que diz que *os gordos precisam querer emagrecer, é como parar de fumar* (DC, 27/04/09). Há por trás deste tipo de recomendação de Samuel um pressuposto de que há um tipo de corpo “normal” que deve ser mantido, sob pena de ser invalidado socialmente. Quitéria, que estreou na televisão morena, há quase duas décadas, inclusive tendo aparecido dando dicas de cuidados com o corpo (que era um corpo jovem), agora cobre seus fios naturais de cabelo (escuros e brancos) na cor loura, mas seu corpo não é mais “aquele”.

O corpo de Quitéria, não é de hoje que serve como elemento marcante em sua identidade também profissional. Ele também foi “usado” como uma forma de deixá-la constrangida. Acompanhei isso durante uma reunião de pauta.

Quitéria folhava revistas semanais e sugere, a partir de uma reportagem que lê, que se faça uma matéria sobre os seios. Ela diz que nas revistas estão informando que cresceu muito o número de mulheres que puseram silicone. Comentam que Kelli (repórter e apresentadora do tempo) teria colocado silicone. **Quitéria diz que iria na contramão da moda, e que gostaria de fazer uma cirurgia para reduzir o tamanho dos seios. Katia parece ficar sur-**

presa, e diz que acha os seios de Quitéria bonitos e que ela própria gostaria de ter seios maiores. Samuel, me parecendo muito inconveniente, diz que pelo que ele lembra, os seios de Quitéria eram muito bonitos. Quitéria, visivelmente constrangida, diz: foram outros tempos. Com a fala e manifestação visível de contrariedade de Quitéria, Katia começa a sugerir outra matéria: **uma matéria como nos moldes das misses de antes**, em que se tirava as medidas de busto e quadris, sugerindo na matéria **que os valores sobre os corpos de hoje eram outros** (DC, 24/03/09).

Samuel, ao meu ver, com sua fala fez questão de manifestar publicamente que, de algum modo, teria tido algum tipo de intimidade com Quitéria que, por sua vez, quis marcar o fato de que isso estaria no passado – tanto a possível intimidade quanto a “beleza” de seus seios. O corpo de Quitéria estaria sendo discutido, em plena reunião de pauta, a partir da avaliação e da forma constrangedora a que a mesma foi submetida por parte de seu colega. E nesse contexto, apareciam mostras de que tipo de corpos eram considerados como aqueles que importam (ou “pesam”), como nos diz Butler (2000).

Como também se pode perceber no restante do excerto de diário de campo acima, matérias sobre corpos – ou em que os corpos estivessem em evidência –, eram bem frequentes, e diziam muito sobre as noções, também dos jornalistas e do jornalismo, do que seria

um corpo educado, saudável, bonito, decente, moderno, “sarado”... Eles [os dispositivos pedagógicos culturais como a mídia] nos falam, ao mesmo tempo, das “posições” que os sujeitos ocupam na sociedade. Eles expressam e exercitam jogos de poder. (MEYER, 2003, p. 08).

Os corpos narrados pelo discurso jornalístico pareciam refletir os padrões que majoritariamente convencionam os “corpos que pesam” (BUTLER, 2000), que têm importância. O corpo de Quitéria, que “noutros tempos” foi considerado bonito, de acordo com as normas e requisitos que se convencionou com um corpo feminino apto para comandar um programa na qualidade de apresentadora, já não mais tem lugar. Dizer que o sexo e o gênero de Quitéria foram utilizados a partir de parâmetros normativos sociais, que são os mesmos partilhados pela empresa, para justificar sua retirada do cargo e do próprio programa, não parece ser algo absurdo de se dizer, mesmo que nos tempos atuais.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000, p.111).

Quitéria se tornou inviável para os padrões estabelecidos pela empresa – e pela sociedade, de um modo geral. Samuel, ao contrário, mesmo tendo envelhecido, transformado a cor e quantidade de cabelos e, ainda por cima, tendo ficado igualmente mais gordo, não apenas continuou viável como também aumentou seu prestígio. Por

outro lado, Quitéria também viabilizou ou não corpos a partir da mesma escala de valores a que foi submetida.

Um das matérias que pude acompanhar desde o surgimento da pauta até a exibição foi construída por Quitéria. O mote da reportagem eram modelos de sites sensuais. É interessante resgatar como essa ideia surgiu e alguns dos caminhos que percorreu. Esta sugestão de pauta decorreu, depois de passar por muitas outras sugestões, do *brainstorm* em virtude da proximidade do dia das mães. Samuel foi taxativo e convenceu os colegas de que não havia sentido fazer uma matéria sobre o dia das mães, já que o programa era exibido tarde da noite. A partir daí, surgem as seguintes propostas que sucintamente pretendo compartilhar:

Kauã sugere que então, se faça uma matéria sobre TPM [tensão pré-menstrual]. Samuel completa: **vocês, mulheres, impuseram a ditadura do hormônio**. Antonio sugere que se faça uma matéria sobre **mulheres diferentes**. Quitéria sugere uma matéria sobre **uma mãe não convencional, aquela que não sabe cozinhar, que não cuida dos filhos, que pede para o filho ser mãe**. Samuel continua afirmando que não acha que tenha que ter matéria sobre o dia das mães, que a essa altura do dia o assunto já estaria saturado. Everton [chefe de redação] pergunta: **o que faz uma mãe no domingo?** Quitéria responde: **cozinha**. [...] Antonio diz: **e sobre as mulheres que lutam?** Quitéria esbraveja: **mas o Antonio insiste!** Antonio então pergunta, diante da necessidade de propor uma pauta que deveria ser feita por Quitéria pra fechar o programa: **O que, na linha popular então?** Samuel sugere: **quem dirige melhor, o homem ou a mulher?** Samuel sugere que **entrevistem mecânicos, Kauã sugere que seja consultado um neurologista**, com o que Samuel concorda. Samuel completa dizendo: **eu tenho certeza de que as mulheres dirigem melhor, os homens são muito mais violentos na direção**. A matéria sobre a direção é aprovada, não para a semana seguinte, mas seguem discutindo qual seria então. [passam por outras sugestões até que] Antonio diz: **Homem adora ver mulher, mulheres, elas adoram se ver**. Ele argumenta que **isso dá audiência**, e que **pauta feminina (querendo dizer que pauta com mulheres) consegue atingir homens e mulheres**. Quitéria então sugere acompanhar a vida de uma **modelo sensual**, acompanhar o dia-a-dia dela. Antonio diz: **as sensuais, não as pornográficas**. Quitéria argumenta que **as mulheres gostam de ver esse tipo de matéria para comentar a respeito dos corpos das outras**. Quitéria sugere mostrar o site (de modelos sensuais) que é também da empresa e complementa: **vamos mostrar o site, o set de fotos, levar as mulheres nas ruas e mostrar os caras babando por elas**. Ela comenta que um radialista dizia pra ela: **“Quitéria, vocês estão sentadas em cima do ouro!” Ela mesma dá risada**. E completa: **a gente tá pecando por não mostrar essas gostosonas. Essa pauta rende mais com o povão**, e sugere levar as modelos **estilo mulher fruta**, para o mercado e perguntar (no meio do povo): **que tipo de fruta é essa?** Quitéria acha que **nas ruas os homens vão achar as mulheres boas, e que as mulheres vão colocar defeito** (DC, 04/05/09).

O excerto de diário acima parece bem ilustrativo das concepções de gênero e de corpo de meus interlocutores, homens e mulheres. A própria Quitéria partilhava deles. E também por eles encontrava-se impregnada, representada e valorizada. Independente de suas qualidades como profissional (ou talvez pelo fato de que essas qualidades estejam muito mais relacionadas a outros atributos e marcadores sociais do que se possa supor) e experiência, Quitéria não foi levada “a sério”, como também não eram levadas as suas matérias:

[redação, Ilha Semanário] Ulisses [editor de textos de plantão] fala com Kátia [editora-chefe de plantão] e sugere que Quitéria faça um notão [nomenclatura utilizada para o tipo de notícia que resumia fatos do dia]. Ele justifica a escolha de Quitéria para gravar esse notão porque, segundo ele, **tem a coisa da brincadeira, e brincadeira tem a ver com a Quitéria, e não com o Samuel, que é sério**. Kátia pede que deixe esse notão para Quitéria gravar. (DC. 19/04/09)

Mais algumas considerações

Neste artigo procurei retomar algumas das muitas passagens e vivências em campo suscitadas pelas últimas notícias sobre Quitéria. Por certo, aqui, não poderia me aprofundar e trazer um universo imenso de interpretações produzidas a partir das onze semanas de pesquisa, quatrocentas e cinquenta páginas de diários de campo e cerca de dois anos de reflexão que me levaram a concluir que as normas que excluem Quitéria na empresa são as mesmas que nutrem o universo de valores de nossa sociedade produzindo desigualdades. Foi também neste tempo de pesquisa que concluí que o jornalismo que vivenciei é masculino. Fundamentalmente porque o universo observado não apenas reproduz nas relações entre seus membros hierarquias embasadas e em consonância com valores que representam o que muitos estudiosos têm chamado de heteronormatividade, em que os valores associados ao masculino despontam no topo do poder e do prestígio. Mas também por ser aquele espaço – como acredito que sejam de modo geral os espaços do jornalismo – um lugar de produção de um tipo de conhecimento social (MEDITSCH, 1998) que, partindo de valores hegemônicos, consensualizados socialmente e na cultura profissional, retorna para a sociedade num movimento de retroalimentação. E mesmo sendo um espaço em que o conhecimento se produz, percebi que ali há pouca ou nenhuma margem para a reflexão, a auto-crítica e, sequer, a alteridade.

A participação do jornalismo como instituição, que atua como um dos dispositivos pedagógicos (FISCHER, 2002) de nossa sociedade, capazes de ensinar acerca do certo, errado, normal, desviante, e que igualmente reproduz sistemas de valores e desigualdades entre seus integrantes é que me parece digna de ser refletida. Talvez Quitéria, e outras/os tantas/os de nós, jornalistas ou não, pudéssemos participar algum dia das transformações desses padrões sociais, e que muitas/os possam passar a existir socialmente a partir disso. Considerando que os preconceitos são uma forma de ignorância – ou um modo de conhecer (LOURO, 2002), talvez uma possibilidade de contribuir com essas transformações de valores no jornalismo e na sociedade possa partir também do investimento nos modos como esses profissionais conhecem e dão a conhecer a realidade, ou seja, em suas formações. A ampliação dos modos de conceber as “verdades” do mundo, partindo de ações didáticas que promovam verdadeiros exercícios de alteridade desde a formação dos jornalistas, passando pela amplia-

ção das fontes de saber que norteiam as lentes pelas quais os mesmos enxergarão a realidade para depois narrá-la, pode ser uma alternativa política interessante e com resultados diretos nas tão criticadas formas de representação social promovidas pelo jornalismo.

Gosto de pensar nessas possibilidades políticas de transformação pelo conhecimento. Facilita pensar que um dia meu corpo de “mulher”, assim como o de Quitéria, das travestis ou homossexuais, possa ser um corpo com existência social (BENTO, 2011): um corpo que pesa (BUTLER, 2000).

Referências

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011. pp.549-559

BONETTI, A. L. **Não basta ser mulher, tem de ter coragem**. Uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo popular e o campo político feminista de Recife-PE. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área Estudos de Gênero, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, UNICAMP, 2007.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. RJ: Jorge Zahar, 1998.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 110-125

BUTLER, J. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

FISCHER, R. M. B. **O dispositivo pedagógico da mídia**. Modos de educar na (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

HALL, S. et. all. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. pp. 224-247

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G.L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES. Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. RJ: Aeroplano, 2002. pp. 23-28

MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Documento digitalizado, disponível em www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf

MEYER, D.E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. pp. 9 - 27

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e realidade, Porto Alegre. pp. 5-22. “jul/dez. 1990”.

VEIGA da S, M. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.